

PARCERIAS PROFISSIONAIS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ANOS FINAIS DOS ENSINO FUNDAMENTAL: AÇÕES NECESSÁRIAS PARA A REALIDADE ATUAL

Felipe Reis Pereira¹, Danielle da Silva Pinheiro Wellichan²
Fernanda de Carvalho Gejão³ e Nathália Medina Garcia⁴

Resumo

A Educação na atualidade tem sido alvo de grandes desafios e a violência tem sido um deles. Independentemente do tipo, ela compromete o aprendizado, as relações entre professores, estudantes e a comunidade escolar como um todo. Com este cenário, as escolas estão buscando ações que possam prevenir, amenizar e superar tais momentos e, para isso, estabelecer parcerias tornou-se essencial. Assim, objetivou-se compartilhar no relato de experiência a seguir, as medidas realizadas em uma escola pública de ensino fundamental - anos finais, que realizou com o auxílio de psicólogos parceiros, ações de enfrentamento à violência e comunicação não violenta. Por meio de atividades em grupo com dinâmicas e debates, os profissionais realizaram intervenções necessárias envolvendo estudantes e promovendo a conversa e a reflexão. Os resultados mostraram que estudantes estão fragilizados devido a inúmeros fatores e isso pode ocasionar atitudes agressivas e de muito sofrimento em toda comunidade escolar. Conclui-se que existe uma necessidade evidente em modificar a realidade como dever e compromisso de cada escola e uma gestão participativa pode contribuir diretamente para transformar e proporcionar ambientes mais seguros para o aprendizado e a convivência.

Palavras-chave: Escola pública; Violência; Convivência escolar.

PROFESSIONAL PARTNERSHIPS IN PUBLIC SCHOOL: NECESSARY ACTIONS FOR THE CURRENT REALITY

Abstract

Education today has been the target of major challenges and violence has been one of them. Regardless of the type, it compromises learning and relationships between teachers, students and the school community as a whole. With this scenario, schools are looking for actions that can prevent, alleviate and overcome such moments and for this, establishing partnerships has become

¹ Licenciado em Letras, Pedagogia e Bacharel em Comunicação pela Universidade do Sagrado Coração (UNISAGRADO). Professor de ensino fundamental e ensino médio. Gestor Escolar da Rede Pública Estadual de São Paulo.

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Marília. Professora Especialista e Mestre em Ciência da Informação pela UNESP de Marília SP.

³ Graduada em Psicologia na Universidade Paulista (UNIP) Campus de Bauru SP.

⁴ Graduada em Psicologia na Universidade Paulista (UNIP) Campus Bauru. Pós-graduanda em "Psicanálise Clínica" e Psicologia Jurídica e Avaliação Psicológica pelo Instituto Pedagógico Brasileiro (IPB) e Faculdade Famart.



essential. Thus, the objective was to share in the following experience report, the measures carried out in a public elementary school - final years, carried out with the help of partner psychologists, actions to combat violence and non-violent communication. Through group activities with dynamics and debates, professionals carried out necessary interventions involving students and promoting conversation and reflection. Results showed that students are weakened due to numerous factors and this can lead to aggressive attitudes and great suffering throughout the school community. In conclusion, there is an evident need to modify reality as a duty and commitment of each school and participatory management can directly contribute to transforming and providing safer environments for learning and coexistence.

Keywords: Public school; Violence; School coexistence.

1. Introdução

A educação básica tem sido fortemente afetada pela violência que invadiu as escolas, nos últimos anos. Segundo o Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (APEOESP, 2023), em seus estudos sobre o ambiente escolar, registra-se um aumento crescente nos casos de violência envolvendo as escolas. Com professores, a agressão verbal é recordista, seguidos do assédio moral, *bullying*, discriminação, furto/roubo e agressão física. Entre os estudantes que relataram ter sido vítimas de agressão, o *bullying* é a reclamação mais frequente, seguida da agressão física e discriminação (Pinto *et al.*, 2018; Apeoesp, 2023; Fernandes; Silva, 2023).

No entanto, embora a mídia tenha noticiado episódios mais recentes, trata-se de uma realidade que vem sendo construída há tempos em uma sociedade que vive com desigualdades de diversas naturezas, que afeta não só o território brasileiro e não se restringe apenas à educação básica (Bhering; Michels, 1999; Pinto, *et al.*, 2018).

Praticada entre estudantes, professores, equipe escolar ou patrimônio material, a violência tem sido um grande desafio para o sistema educacional. Devido às relações violentas, a função social da escola fica comprometida e exige uma modificação da estrutura escolar. Por isso, grades, cadeados, sistemas de segurança monitorada, controle de acesso à escola, câmeras espalhadas, ronda escolar intensificada, disciplinas que envolvam conteúdos de convivência, fazem parte cada vez mais de um cenário que sofre diretamente os impactos dessa violência. A saúde mental de todos os sujeitos também foi afetada e, em alguns casos, tornou-se uma contribuição negativa para mais agressividade e caos.

A violência não está na escola de forma isolada (Anser; Joly; Vendramini, 2003; Silva; Assis, 2018; Terribele; Munhoz, 2021). O aumento da evasão escolar, decorrente da pandemia da COVID-19, o atraso no aprendizado de conteúdos escolares (uma vez que nem todos tiveram as mesmas condições de continuidade dos estudos durante o período), a violência

em geral na sociedade, o aumento do desemprego e os altos índices de desigualdade social, além do estresse, o medo e a fragilidade emocional associados a fatores já conhecidos da educação (desvalorização profissional, dificuldades com repasses de verba, etc.), representam as múltiplas violências no ambiente escolar e exigem medidas não só da gestão escolar, como também do próprio sistema educacional, uma vez que a escola reflete os problemas de toda a sociedade. Ações são necessárias para o enfrentamento, tais como: o acolhimento, a aproximação com as famílias (não só para compreensão do entorno do estudante, mas para firmar uma parceria de confiança), a escuta e o diálogo com os estudantes, a fim de entender suas carências, necessidades e problemas. Essas ações podem fortalecer as escolas e favorecer a mudança dessa realidade atual.

Diante do exposto, o objetivo deste relato de experiência foi compartilhar o desenvolvimento de um projeto realizado em uma escola pública de ensino fundamental - anos finais e ensino médio (em uma cidade no interior do Estado de São Paulo), que reuniu as preocupações relativas à violência em geral no ambiente escolar. Com auxílio de profissionais parceiros, a gestão escolar buscou propor ações que envolvessem estudantes e comunidade escolar para amenizar dores e reencontrar momentos de aprendizado e convivência saudável. Assim, buscou-se aporte teórico na literatura nacional, utilizando publicações impressas e eletrônicas, principalmente oriundas da base de dados *Scielo*, sem especificação de recorte temporal e em língua portuguesa, eventualmente em língua espanhola.

Os autores estão cientes de que o despertar para as questões da violência no ambiente escolar deve ser algo a ser trabalhado inicialmente dentro das próprias escolas, evitando e tratando conflitos que possam resultar em problemas futuros, abrindo espaços para diálogos e promovendo condições para que o protagonismo estudantil seja desenvolvido e instigado com base no respeito, tolerância e na convivência. Dessa forma, não se espera esgotar o assunto e sim propor novas reflexões práticas sobre o que pode e deve ser realizado na escola pública, mesmo em meio as dificuldades existentes.

2. A violência e o enfrentamento na escola

Embora seja complexo identificar um início para os casos de violência nas escolas, estudos apontam que ele ocorreu na década de 1950, nos Estados Unidos, com o surgimento de armas, disseminação do uso de drogas e a expansão das gangues influenciando o comportamento dos jovens e de toda a comunidade no entorno das escolas. Em território brasileiro, pode-se acrescentar, a esses elementos, a pobreza acentuada (Guimarães, 1998; Abramovay; Rua, 2002; Abramovay *et al.*, 2012; Teixeira; Kassouf, 2015).

Além disso, uma boa relação entre a família e a escola auxilia na prevenção de comportamentos problemáticos e violentos. Segundo pesquisa, os estudantes cujos pais se distanciam da escola apresentam problemas no

comportamento, desde insegurança e desmotivação até carências emocionais e indisciplina (Bento; Mendes; Pacheco, 2016).

Assim, para falar sobre a violência existente nas escolas, é preciso considerar a cultura e as relações interpessoais vividas (Ayala; Carrillo, 2015). Em geral, os episódios de violência são promovidos pela cultura do ódio desencadeados por questões relativas à desigualdade e à intolerância que estão marcando vidas não só de professores e estudantes como de toda a comunidade.

Não raramente, as dificuldades econômicas marcam as famílias, gerando ausências, violência e contribuem para o abandono escolar por parte do estudante, que busca, precocemente, ajudar na renda familiar. Assim, é possível afirmar que as violências sofridas (de qualquer natureza) em ambiente familiar e escolar podem repercutir diretamente em práticas de *bullying* em crianças e adolescentes (Njaine; Minayo, 2003; Marcolino, *et al.*, 2018; Oliveira *et al.*, 2018; Silva *et al.*, 2021).

Independentemente das taxas de prevalência, as consequências do *bullying* para os estudantes, a comunidade escolar e a sociedade são preocupantes. Em relação aos impactos negativos que exerce na saúde física e mental dos estudantes, quadros de ansiedade, baixa autoestima, depressão, automutilação, solidão e suicídio são as situações mais referidas. No tocante ao desenvolvimento social, o *bullying* afeta as relações interpessoais mediante a adoção de um estilo passivo de relacionamento ou pela utilização de comportamentos agressivos como alternativa de resolução de conflitos. Comportamentos de risco como delinquência, uso de álcool e outras drogas, também estão associados ao fenômeno (Silva *et al.*, 2017, p. 2330).

O *bullying* diz respeito à afirmação de poder por meio de agressões, perseguições, intimidações e maltrato, seja de forma intencional, repetitiva ou por prolongado tempo, de forma física, ou em ambiente virtual, com o *cyberbullying*, utilizando artifícios eletrônicos, como celular e internet (Marcolino *et al.*, 2018). De acordo com a legislação brasileira, a Lei n.13.185/2016 estabelece que o *bullying* é considerado como uma intimidação sistemática quando há violência física ou psicológica e atos de humilhação ou discriminação (Brasil, 2016).

No contexto escolar, os profissionais da educação precisam estar preparados para enfrentar essas situações, a ponto de distinguir a violência e as brincadeiras próprias da idade, bem como promover discussões e atividades sobre o tema e intervir ao presenciar determinados comportamentos, favorecendo uma cultura de paz. [...] Pais e/ou responsáveis precisam compreender que os comportamentos agressivos não são adequados e por isso devem ser evitados dentro da família. A cultura da paz precisa estar presente em todos os ambientes os quais estes adolescentes estão inseridos, inclusive no seu

domicílio. Portanto, aproximar os pais da escola é imprescindível para o enfrentamento do *bullying* escolar (Silva *et al.*, 2021, p. 4.941).

Embora existam diferentes classificações para os tipos de violência (autodirigida, coletiva, interpessoal...), os atos violentos “[...] são constituídos por uma dinâmica própria, o que resulta em diferentes implicações” (Moreira; Paludo, 2022, p. 2), que vão desde o luto pelas vítimas, até o medo de quem acompanhou ou vivenciou a situação, seja pessoalmente ou por meio de meios de comunicação.

A literatura revela que as diferentes manifestações de violência no âmbito escolar vêm comprometendo não só a saúde dos adolescentes, mas a qualidade da educação no contexto da escola pública brasileira, já que esse comportamento entre os alunos tem prejudicado a realização das atividades escolares, o processo de aprendizagem, bem como ocasionado sentimento de insegurança na escola e, muitas vezes, abandono escolar. Também acarreta um processo de exclusão moral e social com repercussões imediatas e futuras na vida adulta dos envolvidos, como o desenvolvimento de distúrbios mentais e ideação suicida (Silva *et al.*, 2021, p. 4934).

Tais manifestações estão presentes na maioria dos casos que envolvem violência no ambiente escolar, ou seja, casos de *bullying*, agressões sofridas, sentimentos de exclusão moral, dentre outros. Diante desse apontamento, a gestão escolar, assim como diretorias especializadas, deve buscar um plano de ação que envolva o enfrentamento desses fatores, mediando conflitos, impedindo que situações não resolvidas acarretem danos futuros.

Dessa forma, uma gestão escolar democrática deve incluir em seus princípios e práticas três pilares fundamentais para a busca de uma cultura pacificadora na escola: formação continuada (para mediar conflitos e promover uma convivência harmoniosa com o desenvolvimento de competências socioemocionais); ações recorrentes; e promoção do protagonismo com canais e espaço para o diálogo e debates democráticos (Salas, 2023).

O enfrentamento à violência nas escolas requer investimento de toda a comunidade. Em relação à escola, pode-se citar o comprometimento da equipe de gestão em promover e incentivar a formação continuada de seus profissionais (professores e equipe escolar em geral), além de propiciar momentos de reflexões e discussões em grupos sobre ações assertivas, mediação de conflitos, desenvolvimento de projetos que visem boas práticas e uma comunicação adequada no ambiente escolar. Em relação aos estudantes: a promoção e o oferecimento de eventos e momentos de conscientização e escuta (comunicação não violenta); aulas dinâmicas e com propostas metodológicas que trabalhem temas específicos para a convivência escolar e social; campanhas, debates, palestras e oficinas que possam proporcionar momentos de interação e convivência. Outra medida assertiva é a busca pela parceria da comunidade para envolvê-la na convivência e no resgate de

relações familiares mais harmoniosas, suprimindo parte das carências atuais da juventude.

As escolas públicas ainda não contam com a figura do psicólogo, em seu quadro efetivo de profissionais. Este especialista que tem seu trabalho focado no desenvolvimento humano e na aprendizagem, ao mesmo tempo que considera características individuais, tanto dos profissionais da escola quanto dos estudantes, pode auxiliar e facilitar na construção de estratégias de ensino, promovendo a conscientização e responsabilização para, junto à equipe, superar os obstáculos escolares (Oliveira; Marinho-Araujo, 2009; Meireles; Guzzo, 2019). Apesar dessa ausência, ainda existem possibilidades a serem exploradas visando maior benefício às crianças e adolescentes. Como estabelecer parcerias para realizar projetos integrados.

Na escola, é perceptível que há fatores conscientes e fatores inconscientes que podem influenciar o comportamento dos estudantes e o corpo docente (Zimmerman, 2004), permitindo que nessas dinâmicas sejam trabalhados ambos os fatores pelas vias da emocionalidade e da racionalidade, dando espaço para a expressão inconsciente de ocasionadores de problemas e também trazendo para a consciência questões a serem enfrentadas.

Essas consequências são possíveis porque as dinâmicas trazem maior autoconhecimento e conscientização, além de possibilitarem o contato com os conflitos, que não devem ser evitados, mas sim administrados. Desse modo, as intervenções são importantes para promover a compreensão, a resolução de conflitos e o desenvolvimento pessoal na escola (Silva; Mendes, 2012).

As intervenções devem ser contínuas e sistematizadas a partir de estudos e experiências adquiridas ao longo do processo. Comprovou-se que um adequado clima escolar impacta a qualidade social da escola; por outro lado, qualquer tipo de violência, física ou moral, acarreta perda de rendimento discente e docente, abalando a confiança, a autoestima e reduzindo a capacidade do processo educativo de transmitir valores e formar cidadãos capazes de conviver e resolver pacificamente suas divergências (Miranda; Bertagna; Freitas, 2019, p. 19).

Mesmo que a escola pública não tenha o apoio regular do psicólogo escolar, buscar o auxílio desse profissional é possível e se faz necessário em muitos momentos, tendo em vista seu olhar especializado e sua atuação significativa diante dos problemas e necessidades de cada indivíduo. Essa parceria pode ser estabelecida não só para situações que envolvam diretamente o estudante, mas para toda a equipe escolar.

3. Ações realizadas na escola

Conforme descrito no início do presente texto, trata-se de um relato de experiência, desenvolvido em uma escola pública de ensino fundamental –

anos finais (6º ao 9º ano, com jovens de 11 a 14 anos, embora exista alguns estudantes com idade superior), no interior do estado de São Paulo. Inicialmente, diante da realidade da comunidade assistida, a equipe gestora da escola reuniu-se e planejou ações para o enfrentamento da situação de violência. Essa necessidade surgiu como um apelo de muitas famílias que procuraram na escola um auxílio para enfrentar tamanha violência presente nas residências, ruas e bairro.

Inicialmente atendeu-se o ensino médio (que não é o foco do presente texto, mas optou-se por citar brevemente o que foi realizado, uma vez que faz parte de um processo contínuo na escola). Dentre as ações de conscientização e orientação para estudantes, pais/responsáveis da comunidade escolar (Figura 1), buscou-se medidas de segurança com o apoio e orientação do serviço policial na realização do dia "D" de combate à violência escolar promovendo atividades temáticas e reflexivas em todas as aulas. O projeto foi idealizado em uma reunião de alinhamento entre os gestores da escola (direção, vices e coordenadoras) e a supervisão de ensino.

Figura 1 – Ações no Dia "D"



Fonte: Acervo dos autores.

As práticas desenvolvidas foram: dinâmicas em grupo, produção de cartazes, exibição de vídeos contra o *bullying*, roda de leitura com textos reflexivos sobre a temática do dia, produção de resenhas críticas, após assistirem filmes e documentários. Esse dia "D" foi encerrado com um bate-papo entre o comandante da polícia militar e a comunidade escolar, sobre a importância da relação família/escola e a necessidade do olhar atento dos pais em relação aos filhos.

Para ampliar as possibilidades e as ideias despertadas pelo projeto, foi ofertado também ao ensino fundamental – anos finais, com atividades adaptadas a faixa etária, mais participativas e lúdicas. Os estudantes puderam aprender e se expressar em momentos especiais, favorecendo o debate e a reflexão.

Diante do cenário vivido pela comunidade escolar, de medo, angústia e preocupação com tamanha violência ocorrida dentro e fora das escolas, se

fazia necessário implantar ações que conscientizassem os estudantes sobre a importância e necessidade da boa convivência escolar, do uso de comunicação adequado, não disseminação de práticas preconceituosas e utilização correta dos meios de comunicação digital.

Uma série de atividades envolvendo a temática foi trabalhada em diversos conteúdos curriculares com o objetivo de desenvolver habilidades que incentivassem o estudante a se tornar um protagonista na busca pela paz no ambiente escolar.

Além disso, implantou-se o serviço de escuta, envolvendo professores e a comunidade escolar, com o objetivo de detectar casos específicos de vulnerabilidade emocional e oferecer apoio e atenção. A essa prática foi dado o nome de "Escuta Ativa", e em um período de dois meses, atendeu jovens que buscavam voluntariamente compartilhar angústias, relatar dificuldades e problemas que os afligiam. Ao mesmo tempo, medidas eram estudadas e acertadas entre coordenação, professores e direção escolar.

A escuta, acontece de forma individual, é registrada em planilha e acompanhada de forma a identificar o desenvolvimento ou a solução para cada situação. A partir do primeiro contato, o (a) estudante (a) é acompanhado para que se percebam melhoras ou nova necessidade de intervenção, seja ela coletiva ou individual. Em alguns casos, sugerem-se encaminhamentos para profissionais e centros especializados. Os maiores problemas encontrados foram: *bullying*, problemas familiares e desmotivação escolar.

Com a identificação de problemas pontuais, em um segundo momento, profissionais de Psicologia foram convidadas para uma ação parceira com a escola, para oferecer atividades cujo objetivo estava de acordo com as necessidades dos estudantes, conforme descrito a seguir.

Foram realizadas duas atividades com os sextos, sétimos e oitavos anos. Na turma do sexto ano, o objetivo era trabalhar sobre o *bullying* e a disciplina por meio de uma dinâmica. Foi proposta a brincadeira do Semáforo (Figura 2), na qual um estudante tinha de ficar responsável por desempenhar a função de um semáforo, dando ordens e indicando por meio da verbalização as cores verde e vermelho. O escolhido ficava posicionado em uma extremidade da quadra, enquanto os demais colegas ficavam no ponto oposto da quadra, representando, metaforicamente, os "veículos" que estavam sob as ordens do semáforo, podendo dar apenas um passo a cada sinal verde, ou manter-se imóvel a cada sinal vermelho, objetivando chegar até o semáforo. Quem desse mais de um passo por vez ou andasse durante o sinal vermelho, deveria recomeçar do ponto de partida. E quem chegasse primeiro respeitando as regras poderia ser o semáforo ou o fiscal.

Figura 2 – Dinâmica do Semáforo.



Fonte: Acervo dos autores.

Essa atividade teve por objetivo proporcionar uma reflexão de forma lúdica sobre a importância de seguir determinadas regras no dia-a-dia, enfatizando que quem segue as regras da dinâmica pode desempenhar uma função diferente dentro da brincadeira, reforçando esse comportamento. Além disso, também se questionou sobre a importância de cada uma das funções para que a dinâmica pudesse ocorrer, destacando que, assim como na atividade proposta, cada uma das pessoas que compõem a rotina escolar e familiar de cada um, é importante à sua maneira e deve ser respeitada em sua forma de ser.

A outra atividade realizada com sétimo e oitavo ano, com o objetivo de trabalhar a boa convivência e a motivação (Figura 3). Os estudantes foram reunidos no pátio e divididos aleatoriamente em dois grupos, com o intuito de se misturarem, evitando ficar somente com os colegas de costume. Cada grupo ficou com uma das psicólogas. Após essa divisão, as psicólogas pediram para cada um, em seu grupo, apontar um defeito e uma qualidade própria. Posteriormente, todos retornaram para o pátio, e cada grupo deveria tentar adivinhar a quem, do grupo oposto, se referia cada característica.

Figura 3 – Dinâmica “qualidades e defeitos”.



Fonte: Acervo dos autores.

Após a dinâmica, foram questionados sobre quais foram as melhores e as piores características, quais eles gostaram de apontar no outro e quais gostaram de ser apontados, se houve maior dificuldade em falar de seus defeitos ou de suas qualidades, além de também identificar quais qualidades e defeitos mais se repetiram. Comentou-se sobre o fato de alguns defeitos não necessariamente serem considerados negativos, mas possíveis potenciais. Por exemplo: ser "irritante de tanto falar" significa que a pessoa é comunicativa e expansiva; ser "ciumenta" é algo normal no ser humano, dependendo do sentimento expresso; ser "agressivo" pode e deve ocorrer em determinados contextos. Com isso, tratou-se sobre metas futuras, incentivando os diversos caminhos que cada estudante pode seguir, sempre com estratégias e considerando o certo e errado.

As três turmas finalizaram as atividades recebendo balas duas vezes, a primeira pela participação e a segunda com objetivo de reforçar a organização e respeito enquanto formavam a fila.

Tratando-se da continuidade dessa jornada, para os próximos passos dessa parceria estabelecida para o enfrentamento da violência nas escolas, estão previstos novos momentos de convivência para estudantes e uma nova fase envolvendo professores e equipe escolar, ampliando as possibilidades de ação.

4. Considerações finais

Tratar da violência nas escolas é fundamental para transformar não só a escola real, mas toda sociedade. Dessa forma, compartilhar o presente relato de experiência torna-se importante para contribuir com ideias que possam ser desenvolvidas e adaptadas em qualquer realidade, basta que exista o envolvimento da equipe escolar e o desejo de realizar.

Após a realização das dinâmicas, foi possível perceber e verificar junto aos estudantes o quanto momentos de descontração, mesmo que de forma direcionada, e espaços para o diálogo são necessários no ambiente escolar, principalmente após o período pós-pandêmico, em que houve tantos danos à saúde mental, social e econômica.

A fragilidade identificada nos estudantes não raramente se reflete em comportamentos hostis e atitudes agressivas, gerando uma série de conflitos resultando em comportamentos não adequados, cenas de agressão ou violência física ou verbal e que podem resultar em tragédias como algumas noticiadas nos meios de comunicação. Portanto, a escola deve estar atenta aos sinais e tratar desde o início qualquer possível foco de conflito para que não resulte em algo pior ou futuro.

A escola enquanto instituição de ensino é o primeiro degrau para modificar toda uma realidade marcada pela violência atual. Dessa forma, intervenções não só com a comunidade escolar, mas, envolvendo todo entorno da escola são essenciais. Ações de enfrentamento são urgentes e devem ser imediatas a fim de que tais estatísticas possam diminuir e contribuir para

novas realidades. As escolas precisam de um novo cenário e a gestão escolar precisa estar alinhada a essa nova demanda.

Uma gestão democrática precisa estar presente nas escolas, e políticas públicas precisam embasá-la para que o estudante volte a acreditar no poder de sua cidadania e nas relações baseadas na convivência saudável e no respeito ao próximo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam.; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2002. v.1.

ABRAMOVAY, Miriam (Coord); NETO, Miguel Farah; MELO, Rosa Virgínia; ROCA, Maria Eugênia Carvalho de la; MONTEIRO, Claudio Dantas; FEFFERMANN, Marisa; CARVALHO, Luis Felipe de. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: FLACSO - Brasil, OEI, MEC, 2012. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32101-conversando-sobre-violencia-nas-escolas-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 10 jun. 2023.

ANSER, Maria Aparecida Carmona Ianhes; JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo; VENDRAMINI, Claudette Maria Medeiros. Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 67-81, dez. 2003. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v5n2/v5n2a07.pdf> Acesso em: 15 jul.2023.

APEOESP (Sindicato de Professores de Ensino Oficial do Estado de São Paulo). **Educação em Notícias** (clipping). Março, 2023. Disponível em:
<http://www.apeoesp.org.br/noticias/educacao-em-noticias/educacao-em-noticias-30-03-2023-5-feira/> Acesso em: 10 jul. 2023.

AYALA CARRILLO, María del Rosario. Violencia escolar: Um problema complejo. **Ra Xinhai**: revista científica de sociedad, cultura y desarrollo sostenible, v. 11, n. 4, p. 493-509, 2015. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7915494> Acesso em: 20 jul.2023.

BENTO, António; MENDES, Guida; PACHECO, Dulce. Relação Escola-Família: Participação dos Encarregados de Educação na Escola. **ATAS – Investigação Qualitativa em Educação**, v. 1, 2016. Disponível em:
<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/648> Acesso em: 20 jul. 2023.

BHERING, Eliana; MICHELS, Lísia. Psicologia escolar: tendências para o século

XXI. **Psicologia escolar e educacional**, v.3, n.2, p.133-138, 1999.

Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/pQ4Vzdm67MVPHqv4qMMLdsR/?lang=pt#>

Acesso em: 15 jul.2023.

BRASIL. **Lei n.13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying). Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm

Acesso em: 15 jul. 2023.

FERNANDES, Flávia Emília Cavalcante Valença; SILVA, Alexsandro da. Repercussões da violência na comunidade escolar sobre a saúde mental dos professores da Educação Básica e estratégias para seu enfrentamento.

Travessias, Cascavel, v. 17, n. 1, p. 1-11, jan./abr. 2023. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8937463> Acesso em: 10 jul.2023.

GUIMARÃES, Eloisa. **Escola, galeras e narcotráfico**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.248 p.

MARCOLINO, Emanuella de Castro; CAVALCANTI, Alessandro Leite; PADILHA, Wilton Wilney Nascimento; MIRANDA, Francisco Arnaldo Nunes de; CLEMENTINO, Francisco de Sales. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. **Texto & Contexto**

Enfermagem, v.27, n.1, p.e5500016, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tce/a/3zS6tSTHCvCRsC6g6bCpxCH/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 16 jul. 2023.

MEIRELES, Jacqueline; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Violência substantivada: perspectivas de estudantes de uma escola pública. **Psicologia & Sociedade**, v.31, p. e214359, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/cNqwnb9Y5ZB59JjnLBML6m/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20 jul.2023.

MIRANDA, Antônio Carlos; BERTAGNA, Regiane Helena; FREITAS, Luiz Carlos de. Fatores que afetam o clima da escola: a visão dos professores. **Proposições**, Campinas, SP, v.30, e.201600102, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pp/a/GF7k6ngYR9GcxDp7Sfjhgy/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 18 jul.2023.

MOREIRA, Laísa Rodrigues; PALUDO, Simone dos Santos. A violência mora ao lado? Violência Familiar e comunitária entre adolescentes. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v.38, p. e38314, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/7DrSLV4qzsbphg4mm6XdtYF/> Acesso em: 10 jun. 2023.

NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria Cecilia de Souza. Violência na escola:



identificando pistas para a prevenção. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v.7, n.13, p.119-34, 2003. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/icse/a/N3tnPvbdhp83dfLP97fmCWz/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20 jul.2023.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAUJO, Claisy Maria. Psicologia escolar: cenários atuais. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 2009. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n3/v9n3a07.pdf> Acesso em: 26 jun. 2023.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; SILVA, Jorge Luiz da; BRAGA, Iara Falleiros; ROMUALDO, Claudio; CARAVITA, Simona Carla Silvia; SILVA, Marta Angélica Iossi. Modos de explicar o bullying: análise dimensional das concepções de adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.23, n.3, p.751-761, 2018. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/Fvh7kkcm4z88wBnFfxvsWft/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 19 jul.2023.

PINTO, Isabella Vitral; BARUFALDI, Laura Augusta; CAMPOS, Maryane Oliveira; MALTA, Deborah Carvalho; SOUTO, Rayone Moreira Costa Veloso; FREITAS, Mariana Gonçalves de; LIMA, Cheila Marina de; ANDREAZZI, Marco Antonio Ratzsch de. Tendências de situações de violência vivenciadas por adolescentes brasileiros: pesquisa nacional de saúde do escolar 2009, 2012 e 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v.21, p.e180014, 2018. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbepid/a/gWj76CJm7LMvqT7zw6zGTnM/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20 jul.2023.

SALAS, Paula. Ataques a escolas: promover cultura de paz pode ser caminho a longo prazo. **Nova Escola**, 14/04/2023. Disponível em:
<https://novaescola.org.br/conteudo/21649/ataques-a-escolas-cultura-de-paz> Acesso em: 15 jul.2023.

SILVA, Sandra Coelho Barreto; MENDES, Mônica Hoehne. Dinâmicas, jogos e vivências: ferramentas úteis na (re)construção psicopedagógica do ambiente educacional. **Rev. Psicopedag.**, São Paulo, v. 29, n. 90, p. 340-355, 2012. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v29n90/08.pdf> Acesso em: 26 jun. 2023.

SILVA, Jorge Luiz da; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; MELLO, Flávia Carvalho Malta de; ANDRADE, Luciane Sá de; BAZON, Marina Rezende; SILVA, Marta Angélica Iossi. Revisão sistemática da literatura sobre intervenções antibullying em escolas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.22, n.7, p.2329-2340, jul.2017. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/WLQVDC8GDKzmyjVxnYgtKrc/?lang=pt#> Acesso em: 20 jul.2023.

SILVA, Flaviany Ribeiro da; ASSIS, Simone Gonçalves. Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, v.44, p.1-13, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/gyWkfTDCdCVP5QdsS3PCWpb/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20 jul.2023.

SILVA, Georgia Rodrigues Reis e; LIMA, Maria Luiza Carvalho de; ACIOLI, Raquel Moura Lins; BARREIRA, Alice Kelly. A influência da violência familiar e entre pares na prática do bullying por adolescentes escolares. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.26, p. 4933-4943, out. 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/yyDS4xFjTVpz3szVmW4jzRD/?lang=pt#> Acesso em: 18 maio 2023.

TEIXEIRA, Evandro Camargo; KASSOUF, Ana Lúcia. Impacto da violência nas escolas paulistas sobre o desempenho acadêmico dos alunos. **Economia aplicada**, v.19, n.2, p.221-240, abr.2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/eco/a/PVRNb54dJcgN9BnSjbvwZdv/?lang=pt#> Acesso em: 05 jun. 2023.

TERRIBELE, Flora Beatriz Proiette; MUNHOZ, Tiago Neuenfeld. Violência contra escolares no Brasil: Pesquisa Nacional da Saúde do escolar (PENSE, 2015).

Ciência & Saúde Coletiva, v.26, n.1, p.241-254, jan. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9hvz8xthsDZsrXHDvR5Xyjf/?lang=pt#> Acesso em: 08 jul. 2023.

ZIMERMAN, David Epelbaum. Aplicação da dinâmica de grupo à escola. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 5, p. 6-15, 2004. Disponível

em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v5n5/v5n5a03.pdf> Acesso em: 26 jun. 2023.

Recebido em: 10 de agosto de 2023.

Aceito em: 27 de novembro de 2023.

Publicado em: 03 de janeiro de 2024.